



EDITORIAL

INGRATA
MISSÃO

Bastante difícil, de facto, de agradar a gregos e troianos... Vejamos, por curiosidade, estas observações dum jornalista norte-americano, as quais têm sempre oportunidade:

«Não há coisa mais difícil do que dirigir um jornal. Se o jornalista trata muito de política, os assinantes despedem-se, porque estão fartos de política». «Se prescinde de política, despedem-se porque o jornal é insípido e pesado».

«Se publica muitas notícias, o público desgosta-se porque ele não diz senão mentiras; se as suprime — é para encobrir as verdades do público».

«Se publica artigos originais — dizem que não valia a pena ocupar espaço com tais banalidades — havendo tanta coisa boa para copiar».

«Se copia — dizem que escreve à tesoura».

«Se ataca uma colectividade ou um indivíduo — chamam-lhe grosseiro, parcial ou venal».

«Se apoia o governo — dizem que quer um subsídio; se escreve em sentido liberal — qualificam-no de demagogico; se é conservador — chamam-lhe retrógrado».

«Se aplaude qualquer acto — chamam-lhe lisonjeiro; se a censura — é um canalha».

— Vejamos agora o que o sr. tenente Bento da Silva Fernandes, distinto oficial da G.N.R. que até há pouco tempo foi administrador do concelho do Barreiro:

«— Não há nada que se pense fazer nas províncias que não se recorra ao auxílio do jornal da terra, e, uma vez servidos, a ingratidão mais negra é a paga».

«A gazeta das nossas províncias, feita por devoção, é um jornal de sentimento e de análise — posto de observação em contacto permanente e íntimo com as necessidades da terra, defensor intrépido do seu desenvolvimento e pugnador audaz na conquista das melhores regalias locais».

Parece, pois, que à volta do seu intérprete local deveriam agrupar-se todos os homens de boa-vontade — os que se interessam pela terra em que residem e onde tem ligadas as vantagens da sua vida, facilitando assim a nobilíssima missão dos que um dia se lembraram de meter ombros a empresa que, por ser das mais honrosas — escrever para o público — revestem sem dúvida, uma série de responsabilidades, que muita gente ignora».

Pois bem. Que ajuda material e até espiritual recebem, em geral, esses paladinos locais que são, por assim dizer, os porta-vozes das populações que querem progredir e que ambicionam cada dia que passa um melhor bem-estar? Um auxílio que raras vezes atinge a cifra da tipografia quando é certo que o jornal tem de fazer face a muitos outros encargos. Isto pelo que respeita a auxílio monetário prestado pelas assinaturas e pelos anúncios. E auxílio espiritual? Falta de interesse, indiferença, críticas de sabichões — os que querem ser sempre os únicos — e, por vezes, despeitos e invejas, tudo sem fundamento sério».

A semelhança do que nos é apresentado e de que resulta apreço espiritual ou material, uma grande parte do público está longe de conhecer os obstáculos e as exigências por que passa a confecção de um periódico antes que ele apareça pronto para ser lido».

«DEFESA DE ESPINHO»
em 18 de Abril de 1937

Um Português Pioneiro da Cirurgia do Coração

POR NORBERTO LOPES

Morreu este ano, em Espinho, onde dirigia uma casa de saúde considerada modelar, um médico português que foi, no nosso País, um pioneiro da cirurgia do coração, embora não tenha sido o primeiro que em Portugal a praticou, pois já anteriormente outros cirurgiões a tinham tentado com êxito. Figuram, entre eles, o prof. Francisco Gentil, que muitos anos antes operara um homem atingido com uma facada no miocárdio, embora essa operação não posso inserir-se, propriamente, no ramo da cirurgia cardíaca tal como a concebemos e se pratica hoje, e o prof. Lima Basto, que já em 1950 levava a efeito, pela primeira vez, entre nós, uma operação de aperto mitral.

Quero referir-me ao dr. Manuel Gomes de Almeida, que foi, de facto, um dos primeiros médicos a operar, em Portugal, o coração pelos métodos que, na América do Norte, constituíram, uma verdadeira revolução científica. Tendo-se formado pela Universidade de Coimbra, em 1925 especializou-se em cirurgia torácica, praticando no nosso País as técnicas mais avançadas, apesar das condições precárias e dos meios deficientes com que lutou.

Sendo, porém, um insatisfeito, sempre ávido de novos conhecimentos, não se resignou a seguir apenas, o que em escolas portuguesas aprendera, e, em 1952, quando adquirira já uma grande experiência operatória, deslocou-se aos Estados Unidos, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, a fim de frequentar, no Hahnemann Hospital and Medical College de Filadélfia, a Charles Bailey Toracic Clinic, onde se especializou em cirurgia cardiovascular, sendo-lhe atribuídos os títulos de «Fellow» e «Postgraduate», com que eram distinguidos os médicos cujo aproveitamento se considerava satisfatório.

O prof. Charles Bailey pontificava, então, nesse ramo da Medicina, sendo um dos homens de Ciência que, nos Estados Unidos, se lançaram na descoberta e na prática de processos cirúrgicos que criaram novas esperanças e deram algumas certezas à Humanidade.

★

Fui encontrar Gomes de Almeida, por essa época, integrado na famosa equipa do prof. Charles Bailey, consti-

tuída por dez médicos de várias nacionalidades, que estavam a adquirir, em Filadélfia, uma técnica operatória que lhes permitisse iniciar, nos seus respectivos países, a cirurgia do coração em bases seguras e eficientes.

Graças ao desejo que lhe manifestei, Gomes de Almeida conseguiu do prof. Bailey permissão para eu assistir a uma série de operações cirúrgicas, sendo porventura o primeiro jornalista a quem se oferecia essa feliz oportunidade, mesmo nos Estados Unidos, onde os profissionais da Imprensa gozam, todavia, de facilidades e prerrogativas desconhecidas noutros países e, nomeadamente o nosso, onde é bem, diferente o tratamento que nos é dispensado.

Ao prof. Charles Bailey se ficaram a dever os passos mais ousados e mais firmes que se deram no campo da cirurgia cardiovascular. Foi ele, sem dúvida, o grande inovador deste ramo da cirurgia, o primeiro que operou «dentro do coração» e dilatou a válvula mitral, dando começo à cirurgia endocardiaca. Foi esse, incontestavelmente,

(Continua na página 2)

FIM
DE SEMANA

— 32

3.º E ÚLTIMO TEMA DE NATAL

Os Natais antigos eram feitos de família e paz. Reinava a tranquilidade, o bem-estar. A noite de consoada era um sereno e amoroso cântico de franca alegria a unir parentes e chegados numa fraternidade completa.

Havia, evidentemente, lares em que essa noite era triste, havia seres para quem essa coisa não existia; eram os tocados por lutos ou outras infelicidades recentes, eram os feridos pela miséria. Esses foram tema para muitas obras de poetas e novelistas. Mas eram a excepção.

Olho agora em torno de mim, e não encontro nenhuma família conhecida que possa ter gozado um Natal assim.

De há muito e para todos os Natais são de preocupação, de agitação; reina uma alegria forçada e fictícia que a sociedade de consumo constrói com as suas iluminações, as suas montras atractivas na exploração dos temas convencionais — a neve, as estrelas, os brincos do Natal, os Pais Natais, os presépios, as renas, os abetos de plástico.

Cada riso, porém, soa falso e serve para esconder e esquecer por momentos um estado de angústia permanente em que se vive.

Não são apenas as desventuras particulares de lutos e de ausências, de parentes e amigos que longe de nós correm perigos (não estarão mortos neste momento?) ou moirejam de emigrantes.

Mais vastamente são as incertezas da vida nos anos que passaram e dos que virão, este frio permanente que nos toma de medo no futuro, esta insegurança — que são fenómenos universais; são os ódios de raça; os desentendimentos familiares; as preocupa-

(Continua na pág. 2)

EM
FOCO

No meio da fotografia as obras do futuro Liceu Nacional de Espinho.

Os nossos votos para que esta bela realidade cresça num ritmo jovem.

UMA RUA DE ESPINHO
PARA PABLO CASALS?

Mão amiga chamou-nos a atenção para a última edição da conhecida revista mensal «EVA», o número especial de Natal. Três das suas páginas titulavam-se «Um resumo de memórias» que Francisco Mata, conhecido homem da rádio e jornalista, havia escrito. Numa prosa bem humorada, como é seu hábito, recordava certas passagens da sua vida, de entre as quais com a devida vénia transcrevemos o seguinte trecho:

«Perto do final do curso, em que me ensinaram pouco de His-

tória e Filosofia (o nome era mais pomposo, por ser o de Ciências Históricas e Filosóficas), comecei a trabalhar na Emissora Nacional e em «O Século». Nas duas casas fazia coisinhas que passavam por habilidosas e me davam o sustento. A seguir veio a guerra e dois anos depois dela comecei embarquei para Londres, contratado pela BBC. Essa experiência foi muito influente na minha vida, direi mesmo decisiva, pois me obrigou a ver as pessoas e o

(Continua na pág. 2)

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
CARLOS SARRIA
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
RUA JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

Um Português Pioneiro da Cirurgia do Coração

Continuação da página 1

um dos grandes momentos da história da Medicina contemporânea, só comparável àquele em que Christian Barnard, vinte anos depois, fez no Grote Schuur a primeira transplantação do músculo cardíaco de um mulato sul-africano para um respeitável odontologista, que ainda viveu alguns anos após a operação. Com as inovações revolucionárias de Charles Bailey, o caminho estava aberto à cura cirúrgica das lesões constitucionais, morfológicas, progressivas e irreversíveis do coração.

Em Junho de 1949, Bailey anunciava que tinha conseguido operar, com êxito, um pequeno número de doentes atacados de diversos graus de estenose mitral, e foi ele, durante alguns anos, o único cirurgião do Mundo que operou a insuficiência mitral por meio de enxertia, operação a que tive o privilégio de assistir, no Hahnemann Hospital, entre outras que me foi dado presenciar, vendo o famoso cirurgião manejar o bisturi e a agulha «dentro do coração» com uma segurança e uma serenidade surpreendentes.

★

Atendendo à circunstância de estar presente um jornalista português, na primeira operação a que assisti em Filadélfia, Bailey teve a delicadeza de confiar a Gomes de Almeida o lugar de primeiro assistente, chamando-o para o seu lado, a fim de o auxiliar no decorrer da intervenção. Devo dizer que o nosso compatriota, conforme a meus olhos leigos pareceu, de modo algum iludiu a confiança que o mestre nele depositara. Adquirira já, ao cabo de alguns meses de permanência no Hahnemann Hospital, uma série de conhecimentos e uma experiência que o habilitaram a exercer entre nós com grande eficiência o ramo da cirurgia a que se dedicara.

Mas Gomes de Almeida não era apenas um cirurgião, um homem «do» coração. Era, antes de mais nada, um homem «de» coração. Um cidadão exemplar. Um democrata convicto. Um humanista apaixonado. Um intelectual na mais pura acepção da palavra. A sua ânsia de elevação espiritual que dominava a sua febre de conhecimentos, aliava-se nele, a uma rectidão de carácter e uma nobreza de sentimentos verdadeiramente excepcionais. Era aliciante a simpatia humana que dele irradiava.

No campo das ideias políticas e sociais perflava as mais avançadas, as mais justas, as mais nobres, aquelas que melhor se identificavam com a sua concepção de justiça social e com os seus anseios de liberdade, de que nunca abdicou. Era um idealista e um lutador. Jamais ocultou as suas convicções. Teve sempre a coragem de as afirmar publicamente e de assumir a responsabilidade dos seus actos. Comprazia-se nos torneios dialécticos. De uma elocução — podia mesmo dizer eloquência —

fácil e vibrante, a sua argumentação era sempre convincente. Se não tivesse sido um cirurgião notável teria sido um advogado fluente, um tribuno consumado. A elegância moral de que revestia sempre os seus actos conquistara-lhe amizades e dedicações, mesmo entre aqueles que se consideravam seus adversários.

A sua bondade era proverbial. A sua generosidade não conhecia limites. Sofria com as desgraças alheias e nunca deixou de socorrer quem dele necessitasse, ocultando sempre a mão que dava a esmola ou calando discretamente a voz que a agradecia. O amor da família e o culto da amizade eram os mandamentos mais respeitados da sua religião.

★

Apraz-me recordar um episódio a que assisti em Filadélfia e que dá bem a medida do temperamento afectivo de Gomes de Almeida. Na operação em que Bailey lhe confiara o papel de primeiro assistente, o nosso compatriota não dera mostras da mais leve perturbação. Manteve sempre uma serenidade exemplar. Não teve uma distração. Não praticou uma falta. Não esqueceu um pormenor. Não hesitou um momento em atender um pedido do mestre ou em observar uma indicação que por ele lhe fosse dada.

Terminada a operação, despimos as batas, fizemos as abluções do costume e saímos para o corredor. Nesse instante vi o meu amigo empalidecer, sem atinar com a causa. Encostou-se à parede, contraiu os músculos faciais e desatou num choro convulsivo que me estorreceu.

— Que é isso? Que lhe aconteceu? — apressei-me a perguntar-lhe, supondo que se tratasse de qualquer falta cometida durante a operação. Gomes de Almeida não disse uma palavra. Não lho permitia a intensa comoção que o dominava. Tirou do bolso um telegrama que lhe fora entregue ao chegar ao hospital, pouco antes de entrar para a sala de operações, e deu-mo a ler. Sua mãe, que ele adorava, morrera na véspera. A santa velhinha expirara longe do filho ele não pôde despedir-se dela, o que lhe causou profunda mágoa. Abraçou-se depois a mim, que era naquele momento a única pessoa que o podia compreender e confortar, tanto mais que eu já passara pelo mesmo transe, e as lágrimas correram-lhe em bica, entrecortadas de soluços angustiosos, como se fosse uma criança a quem tivessem roubado o seu mais lindo brinquedo.

Devia-lhe, querido amigo, este testemunho de admiração e de saudade, que parte de um coração sincero e não alanceado (estou, pelo menos, convencido disso) por qualquer deformidade moral, congénita ou adquirida.

(in «Jornal do Comércio»)

UMA RUA DE ESPINHO PARA PABLO CASALS?

(Continuação da pág. 1)

mundo de ângulos diferentes, e a estabelecer, sem que desse por isso, uma escala de valores e uma tomada de pontos de vista diferentes daqueles que me habituara a assumir. Há favores que nunca podemos pagar e, por tal razão, fiquei sempre devedor e grato à Inglaterra. O que desde há muito confesso e com o maior gosto.

Durante os anos que estive na BBC nada realizei que valha a pena mencionar, a não ser uma entrevista que, de colaboração com António Pedro, fiz a um homem muito importante. Ele estava de passagem por Londres, a secção espanhola era nossa vizinha e acedeu em «emprestar-nos» Pablo Casals. Com ele estivemos mais de uma hora, em conversa que posso considerar empolgante (e tomo a responsabilidade do adjetivo), em que se falou um pouco de música e muito de ideias gerais. Foi uma entrevista inesquecível em que Casals nos falou de toda a sua vida, antes e depois de exilado, sem esquecer a lembrança de duas temporadas de Verão que passou no casino de Espinho, a

tocar, durante a tarde, para as senhoras em férias, os gemidos melancólicos da «Serenata», de Schubert, ou da «Ave Maria», de Gounod. Era ele então um músico ainda desconhecido, mas que chegava e sobejava para as funções que lhe pediam. E certamente que começaram nessa época os amores tumultuosos com Guilhermina Suggia, que morava perto, no Porto. Agora me ocorre que Espinho bem podia dar a uma das suas ruas o nome de Pablo Casals, tanto mais que foi há pouco elevada a cidade e tem direito a certos luxos que assentam bem».

Não obstante a nossa terra, pelo traçado das suas ruas, ter optado pela nomenclatura topográfica numérica, a verdade é que algumas artérias, para além do número, estão crismadas com nomes ligados ao desenvolvimento do burgo. Fazendo-nos eco da sugestão de Francisco Mata, endossamos a quem de direito o estudo e oportunidade de efectivar a sua concretização.

FIM DE SEMANA . 32

(Continuação da pág. 1)

ções de toda a natureza desde a escolaridade dos filhos ao espectro das doenças do século, desde a incompreensão do homem para o homem ao egoísmo rei do nosso tempo. O fenómeno é universal.

Falta-nos a solidez dos pilares e das estruturas graníticas da sociedade antiga, substituído pelas colunas plásticas que cedem ao menor peso e nos fazem tremer pelo homem de amanhã.

Nós, os que passamos o meio século, ainda tivemos a felicidade (e a nossa vida teve a compensação) de termos vivido muitos desses Natais de místico enleio, despreocupados, fora da vida, repousados; se agora temos o choque de contraste, sustem-nos e conforta-nos a recordação desses bons velhos tempos. Nós gozamos ainda Natais de meninos e de pais.

As gerações novas é que sofrem mais com a perda desses Natais confortáveis, porque nunca os conheceram, e, aparte as guloseimas, hábitos e práticas características da época que os velhos lhes transmitiram, não marcam a época; essas celebrações são para elas actos mecânicos, que é preciso cumprir, como um dever, sem sentido ou sentimento, apenas por uma desobrigação. São Natais-todos-os-dias em que se comem rabanadas, como na Páscoa se petisca pão de ló ou no carnaval se lançam serpentinas.

São esses que lamento, porque não conheceram a beleza desse sereno Natal antigo e nunca a poderão compreender, porque se perderam as realidades sociais e condições morais e materiais da vida que davam um simbolismo a essa época do ano, que a era tecnológica em que vivemos não consente.

Esses lamentos que não podem comungar nem sonhar no velho idealismo saudável dessa quadra.

Difícilmente o mundo evoluirá no sentido de um dia poderem ter aquela noite de consoada que nós saboreamos.

E nada podemos agora fazer por eles, pelos que pusemos na vida sem cuidar de garantir-lhes aquelas estruturas sociais que permitam dar à vida um sentido, caminhar seguramente na viagem, ter esperança no dia que há-de vir. Fomos nós que não soubemos dar-lhes um mundo, uma vida que valha a pena, um Natal com todo o seu esplendor de beleza de comunhão dos homens.

Se os Natais não são o que foram, não é por culpa dos deuses ou dos fados, mas de nós, homens, que rasgamos e despedaçamos a vida por nossas próprias mãos para darmos aos que vieram depois apenas farrapos dela com que não se orientam nem entendem.

VASCO LUIS

A Defesa precisa de 2.500 assinantes
Inscreva o seu amigo

Defesa de Espinho

Nova tabela de preços das assinaturas anuais

Portugal Continental e Ilhas Adjacentes	120\$00
Províncias Ultramarinas e Brasil (via marítima)	130\$00
Canadá, USA, Venezuela, Columbia e Rodésia (via marítima)	190\$00
Espanha (via terrestre)	130\$00
França e restantes países da Europa (via terrestre)	190\$00
Províncias Ultramarinas (via aérea)	320\$00
Canadá, USA, Columbia, Venezuela e Rodésia (via aérea)	400\$00
Alemanha e restantes países da Europa (via aérea)	230\$00
Brasil (via aérea)	350\$00

A cobrança pelo correio é acrescida das respectivas despesas

NÚMERO AVULSO 2\$50

notícias da cidade

Agenda

NOVO PROVIDOR DA MISERICÓRDIA

Na manhã do primeiro dia deste ano de 1974, realizou-se no Hospital de Nossa Senhora da Ajuda, o acto de posse do novo Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Espinho, o Arq. Jerónimo Reis. No decorrer da cerimónia usaram da palavra o Provedor cessante Dr. Henrique Estima, que é presentemente o Director Clínico do Hospital, o empossado e o Dr. Manuel Nunes dos Santos, Presidente do Município.

O Dr. Henrique Estima, que saudou, inicialmente, o seu sucessor, realçou as suas conhecidas qualidades e afirmou que ficava confiante na sua actuação dedicada para que se fossem solucionando alguns dos importantes problemas que afectam aquela casa.

O Arq. Jerónimo Reis, que confessou entrar no desempenho do cargo um tanto ou quanto tarde por se con-

siderar já na vertente descendente da vida, saudou o seu antecessor, quer pelas suas actividades como Provedor, quer como pelas suas funções de Director Clínico, saudou igualmente o Director dos Serviços de Cirurgia, Dr. Móreira da Costa, expressando a promessa de que, com a colaboração dos mesários, tudo faria para tentar eliminar as carências com que a Santa Casa se debate, para que ela pudesse desenvolver a sua benemérita tarefa de servir o semelhante.

O último orador foi o Dr. Nunes dos Santos que, depois de referir as carências reconhecidas do estabelecimento hospitalar espinhense, prometeu todo o apoio da Câmara aos novos responsáveis pelos destinos da Santa Casa, e disse confiar em que o Arq. Jerónimo Reis não regatearia esforços para levar a bom termo a missão que a partir desta cerimónia ia iniciar.

CRISE DE HABITAÇÃO

A nossa cidade debate-se presentemente com uma crise de habitação para a qual não se vislumbra uma rápida solução. De facto há mais de meio ano que se vem tornando difícil conseguir alugar casas, dificuldade que se tem vindo a agravar progressivamente. A elevação a Cidade e a criação da Comarca aliadas às valências que já enriqueciam a terra precipitaram vertiginosamente a carência que se tem vindo a verificar.

É pois necessário que se apercebamos os que têm possibilidades de construir novos blocos residenciais, da oportunidade existente para que Espinho continue na sua imparável onda de progresso.

DO HOSPITAL

Movimento de 27/12/73 a 2/1/74

Internamentos gerais, 24.
Exames radiográficos, 59.
Crianças nascidas, 15.

Intervenções cirúrgicas:

Cirurgia geral, 1.
Otorrino, 7.

Serviço de urgência:

Homens, 113.
Mulheres, 114.

Internados entre outros:

Maria de Fátima Ferreira Soares Albergaria, para cirurgia, de S. João de Ver.

Maria Cecília da Silva Ferreira, para obstetria, de Espinho.

Leopoldina Amélia Ramos Barbosa Torres Brandão, para obstetria, de S. Félix da Marinha.

COFRES NOCTURNOS E DIURNOS

— UM NOVO SERVIÇO QUE O BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO OFERECE AOS SEUS CLIENTES

Um novo Serviço acaba de ser coadornado à disposição dos clientes do Banco Português do Atlântico, especialmente dos que encerram a sua actividade em horas a que já não é possível utilizar os períodos normais de funcionamento das instituições de crédito.

Trata-se dos COFRES NOCTURNOS e DIURNOS B.P.A. — a serem utilizados através de um simples mas eficiente sistema de «cassettes», muito utilizado já no estrangeiro mas que em Portugal ainda não havia sido posto em prática — os quais permitem que o Serviço de Depósitos do Banco Português do Atlântico esteja permanentemente aberto.

Oferecendo uma grande economia de tempo, já que o depositante não precisa de voltar ao Banco para confirmar a sua entrega de fundos ou para recolher nova «cassette», a par da máxima segurança e de uma enorme facilidade de utilização, este novo Serviço que o Banco Português do Atlântico acaba de instalar em alguns dos seus estabelecimentos, entre os quais a Agência de Espinho, vem corresponder aos interesses de uma vasta camada dos seus clientes que, assim, podem reduzir a zero os riscos que corriam os fundos recolhidos até ao fim de um dia de trabalho.

BICADAS DE GRALHA

Positivamente as gralhas resolveram «embicar» com a poesia, como referimos no nosso número anterior a propósito de vários deslizes verificados na penúltima Gazetilha. Na nossa edição última de 1973, as gralhas voltaram a danificar um poema, desta vez a do nosso colaborador Vasco Luís. Com efeito, logo no primeiro verso do seu Fim de Semana 31, a bicada caiu disparatada e transformou um «moldado» em «molhado». Deste modo, tal primeiro verso deve ler-se assim: *Meu Menino Jesus moldado em barro.*

Fica feita a rectificação e juntamos-lhe o nosso pedido de desculpa ao autor.

ALUGA-SE

CASA EM MIRAMAR - Ao ano.

TRATA: Dr. Pedro Neves

Av. Sacadura Cabral, 611-1.º

AGUDA (Frente à estação).

Aluga-se

APARTAMENTO MOBILADO

na Rua 28 n.º 190 ESPINHO

Informa pelo telefone 967775

Empregada para Escritório

PRECISA-SE

Sabendo: dactilografia, arquivo, escrituração livros auxiliares, algo de Francês e Inglês.

Falar na RUA 14 n.º 1244 em Espinho a qualquer hora. (Fábrica Horva).

AERO CLUBE DA COSTA VERDE

NOVOS PILOTOS

Realizou-se no passado sábado, no Restaurante do Aero Clube da Costa Verde no Aeródromo de Paramos, a cerimónia de entrega das «asas» de novos pilotos aos alunos que com aproveitamento concluíram os cursos do ano findo.

Com a presença do piloto inspector da Direcção Geral da Aeronáutica Civil, Camilo Pastor, directores do Clube, associados e familiares dos homenageados foram impostas as insígnias de pilotos civis aos seguintes associados:

Maria da Conceição Garcia; António Ferreirinha Soares, Jorge Fernandes, José Amendoeira Santos, Artur Costa, José Luís Sousa, Dr. Tiago Delgado, Francisco Sales Luís, António Pereira dos Santos, Michel Despoints, Fernando Cruz, José Santos Ferreira e António Aguiar.

ACIDENTE DE VIAÇÃO

Em 1 de Janeiro, na Rua 62, chocaram os veículos HG-59-50, conduzido por José Leão de Sampaio Maia, da Avenida 8, n.º 856, desta cidade, e DA-44-25, em que ia ao volante Modesto Gonçalves, do Campo dos Mártires da Pátria, 174-4.º-Dto., da cidade do Porto. Os carros ficaram bastante danificados e ficaram feridos, além dos condutores, José Augusto Gouveia Fernandes, Maria Olívia Peixoto Rocha Gonçalves, Maria Manuela Peixoto Rocha e Maria Teresa Peixoto Rocha. Depois de devidamente socorridas, as vítimas do acidente seguiram para as suas casas.

NOTÍCIAS PESSOAIS

No passado dia 28 de Dezembro seguiu para a Venezuela, em viagem de turismo, o nosso assinante e sócio da Empresa proprietária do nosso jornal, senhor Ângelo Ferreira Cardoso, que foi acompanhado de sua esposa.

— x —

Partem amanhã para o Funchal os professores Ramon Miravall e Ramon Miravall Júnior que na capital madeirense vão realizar um recital de violoncelo e violino, acompanhados pela Orquestra de Câmara da Academia de Música daquela cidade.

FARMACIA DE SERVIÇO

HOJE E AMANHÃ — FARMACIA TEIXEIRA, RUA 19 — TELEF. 920352.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 5 — 3 *Bons inimigos*, com Franco Nero e Lynn Redgrave — 14 anos.

Amanhã, domingo, 6 — *Roma de Fellini* — 18 anos.

Terça-feira, 8 — *Jessica*, com Angie Dickinson e Maurice Chevalier — 18 anos.

Quinta-feira, 10 — *Joe Dakota*, com Richard Harrison e Franca Polesello — 14 anos.

NASCIMENTOS

Frederico Guilherme, filho de Américo Rodrigues da Silva e de Maria Dolores Reis de Lima Rodrigues, nesta cidade.

João Miguel, filho de Fernando Moreira Natário e de Ilda Berta Moreira Cadete Natário, no Hospital de Espinho.

CASAMENTOS

José Manuel Ferreira Catarino com Maria Rogéria de Sá Barge na Igreja de Silvalde-Espinho.

FALECIMENTOS

José Alves Bica, de 90 anos, viúvo de Maria Casimira da Silva, em Silvalde-Espinho.

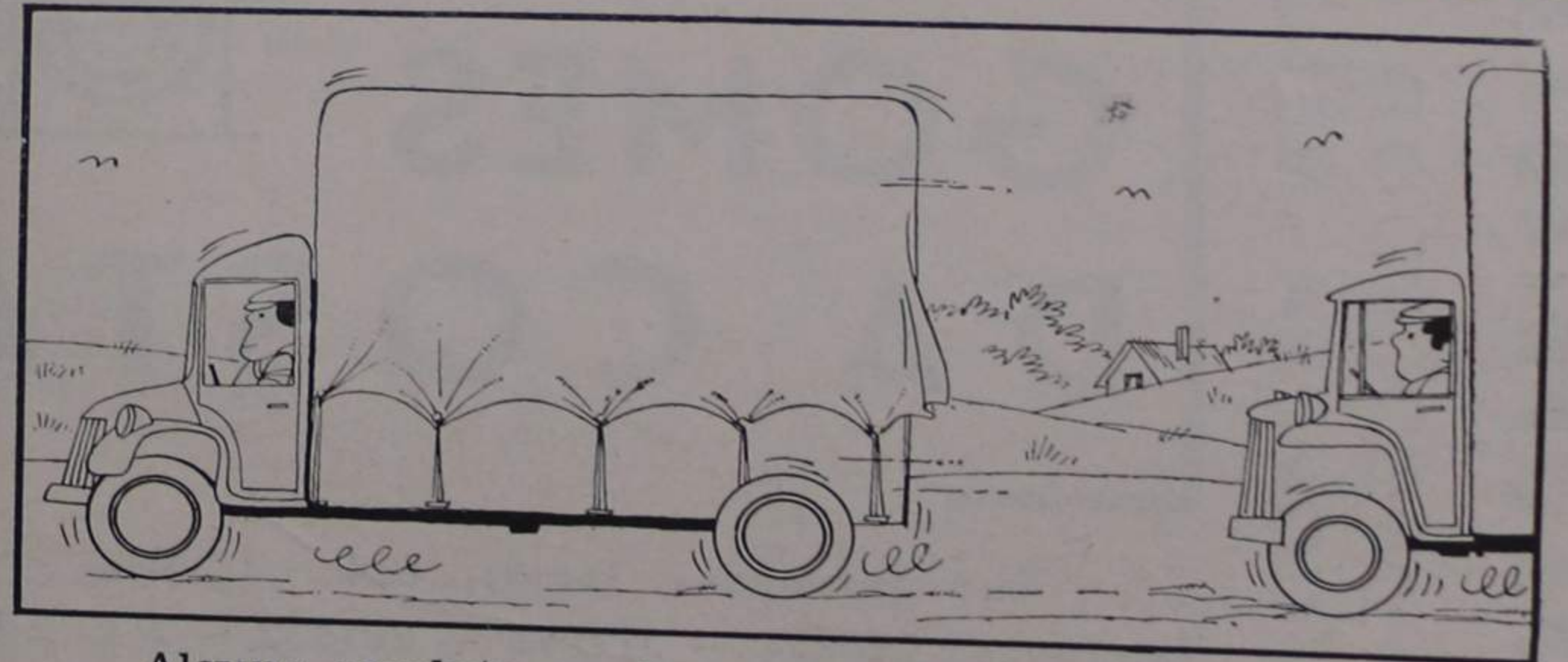
Justino Rodrigues de Castro, de 60 anos, casado com Ana de Jesus Mendes do Couto, na freguesia de Guetim-Espinho.

Margarida Alves da Costa, de 81 anos, solteira, nesta cidade.

Maria Rosa Pinto de Meneses, de 80 anos, solteira, filha de José Pereira Belo, no Hospital de Espinho.

Manuel José de Oliveira, de 87 anos, casado com Ana Alves Rodrigues, em Anta-Espinho.

A P. R. P. DIVULGA O CÓDIGO



Alguns condutores de veículos pesados esquecem-se de respeitar a distância de 50 metros, que a lei impõe, entre o veículo que conduzem e outro veículo pesado que os precede.

Essa medida é, sobretudo, destinada a tornar o trânsito mais fluido e, portanto, funciona a seu favor.

Não considerando esse facto, como poderão mostrar-se verdadeiros conhecedores da sua profissão?

Enobreça a sua classe, dando o exemplo na estrada.

Facilite as ultrapassagens aos seus companheiros da estrada e respeite as regras da velocidade e da ultrapassagem. Lembre-se de que, pelo facto de impedir a ultrapassagem a alguém, não chegará mais cedo ao seu destino.



POR MAIS
FRATERNIDADE

CASAS PARA
OS POBRES

Contra o que esperávamos e não deixarão de corresponder a desejariamos, esta campanha, em esta iniciativa, seguindo o exemplo continua em marcha, não tem de mais três doadores que esta conhecido aquele ritmo que a sua finalidade legítima. Confiamos semana nos entregaram, no conjunto que os bons corações espinhenses junto, a quantia de Esc. 1700\$00.

Rememorando, transcrevemos seguidamente a lista de todos os donativos recebidos até esta altura:

Fernando Meneses	1 000\$00
Anónimo	250\$00
Dr. Amadeu Moraes	1 000\$00
Defesa de Espinho	1 000\$00
Joaquim F. S. Tavares	10 000\$00
Anónimo	500\$00
Silvino Fidalgo	1 000\$00
Tómbola S. C. Espinho	3 000\$00
Festas Sr. ^a da Ajuda	67 079\$00
Feira da Moeda	3 000\$00
J. O. S.	500\$00
F. M.	200\$00
Eng. ^o Arménio Gomes	1 000\$00

89 529\$00

TRAQUINA

DE
LEMONS & SOARES, L.^{DA}

Rua 16 N.^o 533
Tel. 920569
ESPINHO

TUDO PARA O BEBÉ

CONFECÇÕES
MALHAS
HIGIENE INFANTIL
BAZAR



PROPRIEDADES

«MEDIADOR NA
COMPRA - VENDA»

**GENTIL
GOMES
DA COSTA**



Rua Fernandes Tomás, 664 - 1.^o Dto.
Telefones 380834 - 311991 - 381032 - PORTO

**Dr. José Manuel Gomes
de Almeida**

Clinica Médica e Cirúrgica

RUA 19, 364-1.^o - ESPINHO
Consultas marcadas pelo tel. 921218

J. Pinheiro de Moraes
Médico

Clinica Geral—Diagnósticos
Consultas com hora marcada
Rua 20 n.^o 390 - Tel. 920452

O PROBLEMA DO LIXO

Da «Gazeta Mobil» n.^o 183/1973, transcrevemos o seguinte artigo, que por imperativos de espaço fomos forçados a encurtar, e que reputamos de muito interesse quer para dirigentes quer para o público.

Os lixos que não são retirados pelos serviços de limpeza são em quase todos os países causa das maiores preocupações pois, acumulando-se perto dos locais onde as pessoas vivem e sendo, em grande parte, constituídos por detritos sujeitos a rápida decomposição, provocam mau cheiro, são excelente meio de proliferação de moscas e ratas e transformam-se em perigosos focos de insalubridade.

Por todas estas razões, e porque todos nós podemos fazer alguma coisa (mesmo mínima) por este problema, vamos focar mais alguns aspectos de grande interesse.

A DESTRUIÇÃO DO LIXO

Diversas razões, motivadas pelo crescente poder de compra do consumidor, vêm provocando o aumento dos lixos urbanos: é posto à disposição do público um fluxo sempre constante de novos produtos que substituem os antigos; de uma maneira geral, prefere-se deitar fora um objecto em precárias condições do que consertá-lo; come-se — e estraga-se — muito mais comida do que a que se consumia nos anos atrás, etc., etc.

O resultado é uma mistura de refugo de toda a espécie; caixas de cartão, frascos, garrafas, latas de conserva, jornais, revistas, algodão, trapos, sacos de papel e de plástico, embalagens de material diverso, restos de cozinha, objectos e mobília velha, vestuário e calçado usado, etc.

A recolha e transporte de todo este lixo é bastante cara mas mais dispendioso ainda é a tarefa de eliminá-lo.

A maior parte do lixo urbano recolhido não é destruído — o que acontece é pura e simplesmente a sua remoção de um local para outro o que, em última análise, representa gastar dinheiro com a transferência do problema para outro lugar e o protelamento da sua solução.

A maioria dos detritos sólidos é pois depositada em lixeiras abertas onde fica a apodrecer e a «arder» lentamente, atraindo moscas e ratas, favorecendo o crescimento de diversas larvas, contaminando as águas, originando doenças, gerando gás metano, ocasionando fogos e poluindo a atmosfera (e em termos económicos estes aspectos também custam dinheiro)

No entanto este sistema é de todos o mais barato, embora inteiramente condenado pelas autoridades sanitárias e tornado ilegal em alguns locais. Além disso o espaço destinado à acumulação de lixos não é ilimitado e deixou mesmo de existir em volta de certas cidades.

Outro método é o das lixeiras sanitárias. Nelas os detritos são esmagados ou triturados e cobertos diariamente por uma camada de terra. Este sistema elimina o problema dos cães e pestilência e permite que parte do lixo se decomponha e, deste modo, perca volume. Está, no entanto, bastante longe de ser perfeito e, tal como o anterior, tem vários inconvenientes e contra-indicações.

Outro meio de eliminar o lixo é a incineração. É um método dispendioso mas eficaz pois é rápido, é limpo e reduz a 10% o volume dos detritos e

a 25% o seu peso inicial. Além disso, os modernos incineradores não poluem o ar e produzem vapor que pode ser fornecido à indústria para energia e aquecimento.

SOLUÇÕES DE FUTURO

Apesar de todos estes e de outros possíveis processos de eliminação, os lixos urbanos continuam a constituir um problema complexo — o seu volume cresce e os métodos apresentados só se tornarão eficazes com tempo e com dinheiro. Soluções — simplistas algumas — têm sido apresentadas, como por exemplo diminuição do consumo, impostos adicionais revertendo a favor da eliminação do lixo, proibição de fabrico de certas embalagens como de garrafas não recuperáveis, etc.

Segundo os peritos, porém a verdadeira resolução do problema será atingida de duas maneiras distintas mas, qualquer delas, necessita da *participação de todos porque a todos diz respeito: da indústria, dos governos e do público.*

— A primeira, a curto prazo, e a atingir provavelmente no decorrer da próxima década, caracterizar-se-á pelos esforços no desenvolvimento de métodos verdadeiramente eficazes na eliminação dos lixos. Para isso é necessário em primeiro lugar, diminuir o custo da recolha. Uma das medidas a tomar será a da utilização de sacos plásticos que a tornará mais rápida mais barata e muito mais higiénica, sendo a verba excedente canalizada para o sector da eliminação dos lixos, cujas técnicas deverão ser melhoradas.

Proceder-se-á, entretanto, à eliminação do maior número possível de lixeiras abertas e à sua transformação ou substituição por lixeiras sanitárias.

Nos grandes centros populacionais a melhor resposta parece ser a da construção de incineradores que não provoquem poluição e produzam vapor. Neste capítulo será igualmente necessário encorajar a investigação privada e oficial.

— A segunda solução é uma solução a longo prazo e será a de considerar os lixos urbanos não como objecto de eliminação mas sim como recurso susceptível de aproveitamento. Isto torna-se possível pela reciclagem. O lixo passará então a ser uma fonte de receita e poderá constituir a matéria-prima para uma nova indústria. Aqui, o problema crucial é o da separação dos materiais. Feita a escolha, restarão ainda detritos não utilizáveis e neste ponto a resposta será dada, provavelmente, pelos incineradores geradores de energia.

Tais objectivos não são, porém, fáceis de atingir. Para lá da necessidade de técnicas mais perfeitas e das enormes somas a dispendir com o melhoramento e aplicação das mesmas, há ainda problemas a solucionar criados pela atitude do público face a certas medidas tomadas e que dele não recebem o acolhimento ideal como seja, por exemplo, o aspecto da devolução

Continua na página 5

Dr.^a Emília Pedrosa Santiago

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.^o

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas - Dias úteis das 16 às 19 horas

José Luís F. Barbosa
MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consulta todas as 3.^{as} feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente - Rua 31 n.^o 321 - Espinho - Telefone 920689, p. f. marcar consulta.



BANDA DESENHADA

ORIENTAÇÃO DE MORAIS GAIO E ADRIANO CARDOSO

A ESCOLA FRANCO-BELGA

Até há bem pouco tempo, todas as bandas desenhadas originais em língua francesa foram na sua quase totalidade monopólio de revistas belgas, nomeadamente Tintin e Spirou. Quase toda a produção era por elas absorvida, que por serem as primeiras a trabalharem exclusivamente e em larga escala com a «prata da casa» ou dos vizinhos, aglutinando consequentemente um grupo bastante numeroso e qualitativamente válido de desenhadores e argumentistas, conseguiram vencer em parte a concorrência maciça dos monopólios norte-americanos do ramo — os Syndicates.

Antes da Segunda Guerra Mundial toda a produção franco-belga, embora de qualidade, não conseguia impor-se por si própria, pelo que não temos notícias da existência, por essa altura, de qualquer publicação periódica consagrada exclusivamente à banda desenhada belga ou francesa, muito embora já existisse bastante material digno de ser publicado, como por exemplo «Zig e Puce» de Alain Saint-Ogain em 1925 e o próprio Tintin, de Hergé, em 1926 que viram a luz do dia em suplementos de jornais ou em revistas de escuteiros.

Em 1934 aparece «Le Journal de

Mickey» em Paris, que, tal como na actualidade, apresentava as produções de Walt Disney e de outros autores do outro lado da Atlântico, como exemplo Mandrake e Flash Gordon, aliás Guy l'Éclair.

O primeiro herói franco-belga a dar nome a uma revista juvenil de grande difusão, foi o Spirou em 1938, nessa altura desenhado por Rob Vel. Nesses tempos esta revista era bem diferente daquela a que nos habituamos a ler, na medida em que a par destas primeiras e primitivas pranchas de Spirou apareciam aventuras de Dick Tracy, Superman e Red Ryder, entre outros de origem americana.

Entretanto veio a guerra, veio o invasor nazi e com ele o «contrôle» da imprensa, especialmente a juvenil, que poderia aliciar os jovens a entrarem na Resistência. Consequentemente foram banidas as importações de material gráfico americano, até porque em conformidade com as decisões dos psicólogos do governo americano, os heróis dos «comics» também foram chamados às armas para ajudarem a combater as potências do Eixo (...).

Com as tiragens limitadíssimas agravadas ainda pelo preço do papel, e privadas do material norte-americano, os

editores belgas tiveram que se socorrer dos desenhadores locais. Deste modo vemos E. P. Jacobs terminar um episódio de Flash Gordon, cujo traço conservou no seu «Rayon U», vindo contudo a personalizá-lo nas aventuras de Blake e Mortimer.

Terminada a guerra, o mercado recomeça e sofre as investidas dos «Syndicates» mas desta vez já havia uma certa resistência local, que se foi convertendo em concorrência. No entanto, só passadas duas décadas os editores franco-belgas puderam clamar vitória (parcial) sobre os americanos, pois só nos finais de 60 é que o «Journal de Mickey» vê a sua tiragem suplantada pela do «Pif-Gadget».

A certidão de nascimento da escola franco-belga (inicialmente apenas belga) foi passada em Outubro de 1946 como lançamento do n.º 1 do Tintin, em Bruxelas, numa altura em que o concorrente mais próximo, o Spirou, se debatia com dificuldades financeiras e apresentava ainda heróis americanos, de que se foi livrando progressivamente.

Da rivalidade entre estas duas revistas firmou-se ainda mais a escola, também pelo facto de em 1949 o senhor Georges Dargaud ter decidido adquirir os direitos para publicar o Tintin em Paris, abrindo mais uma porta para os desenhadores franceses que desde 1945

só tinham praticamente como veículo de expressão o Vaillant, precursor do actual Pif-Gadget.

A influência americana era demasiado forte para que os autores locais se conseguissem impor apenas com aventuras de sabor «europeu». São por isso forçados a recorrer à concorrência «temática» e assim se justifica o aparecimento de «westerns», europeus, nomeadamente Jerry Spring no Spirou, e que forçou o seu autor, Jipé, a deslocar-se aos Estados Unidos e ao México para se documentar. Também Morris seguiu este caminho, desenvolvendo paralelamente um aprofundado trabalho de investigação da história do Oeste, vindo mais tarde a encontrar-se em Nova Iorque com Goscinny, que passou a escrever os argumentos de Luky Luke.

Esta corrente de westerns ainda hoje tem vários seguidores, nomeadamente Gir e Herman (Blueberry e Commanche), que conseguiram impôr-se nos próprios Estados Unidos, e evidentemente no Canadá.

Com a guerra da Coreia e com a «guerra fria» surgem na Europa os ases da aviação e da espionagem, tal como nos E.U., onde tinham feito escola. Buck Dany, de Hubinon, é o primeiro piloto americano desenhado na Europa, que vai cumprir inúmeras missões quer no Pacífico, na 2.ª Guerra Mundial, quer na Coreia, ao serviço da U.S.A.F., para a qual faz também espionagem durante a guerra fria.

Dan Cooper, de Weinberg, seguiu de perto no Tintin os passos de Buck Dany, se bem que fosse canadiano e frequentasse a ficção científica com uma certa regularidade, além de ter um ar bem mais «europeu». Esta foi a resposta do Tintin ao Buck Dany.

Nesta sequência, surge-nos mais recentemente, no Pilote, Tanguy e Laverdure, ases da aviação francesa, que nos dão uma certa medida do rearmamento ordenado por De Gaulle, e do correspondendo florescimento da indústria aeronáutica, evidenciada pelos Miragem e do Sr. Dassault.

Além do Tintin, Spirou, Luky Luke e dos westerns e ases da aviação, que podem ser objecto de análises bastantes profundas, podemos citar ainda como alicerces da escola franco-belga as aventuras de Blake e Mortimer, Alix, Goretin, Spagheti, Gaston Lagaffe e Chlorophyll et Minimum, como consequência da fundação dos ateliés de Hergé, Cuvelier, J. Martin, além dos estúdios de Spirou.

Com o decorrer do tempo as revistas rivais Spirou e Tintin chegaram a um certo entendimento, se atendermos que cada uma delas «se especializou» em determinadas camadas do público. Assim, Spirou passou a consagrar-se mais às crianças, enquanto que Tintin se dirige mais aos adolescentes, tendências que ainda hoje se verificam. Estas revistas determinam em Bruxelas as coordenadas da «escola franco-belga» até algum tempo depois do aparecimento, em Paris, em 1959, de Aterix e da revista Pilote, ao qual esperamos fazer uma referência proximamente.

ANTÓNIO MAGALHAES GARCIA,

O PROBLEMA

DO LIXO

(Continuação da pág. 4)

de taras vazias metálicas e de vidro. Há também que considerar exigências de sanidade pública e o retraimento gerado quando está em causa dispêndio de capitais bastante volumosos, preferindo-se, de modo geral, gastar menos em projectos a curto prazo. Mas estes só aparentemente são os mais baratos pois não passam de medidas de emergência que transferem para o futuro a verdadeira solução.

Assim, se você faz parte do número daqueles que se encontram realmente inetrassados em achar a resposta adequada ao problema dos lixos urbanos, não deixe de observar as regras seguintes:

— Veja ou indague qual o destino que é dado ao lixo da sua comunidade; se ele segue para lixeiras abertas, examine a possibilidade e insista na utilização de lixeiras sanitárias. Mas não fique por aí — trabalhe para que o lixo acabe num incinerador.

— Insiste para que as entidades responsáveis procurem a forma de melhorar e aperfeiçoar a recolha

dos lixos. Lembre que o progresso dos métodos de eliminação poderá ser obtido à custa de uma economia nos preços dessa recolha.

— Tendo em mente que um problema adiado continua a ser um problema — e talvez até maior — não se deixe arrastar pelas soluções fáceis ou parciais e certifique-se de que as medidas adoptadas tendem, de facto, a solucioná-lo.

— Faça tudo quanto estiver ao seu alcance para evitar que o lixo fique derramado pelas ruas — procure que a família, os amigos ou os membros da associação que frequenta se interessem também por este ponto.

— E, por fim, não contribua para o aumento dos detritos municipais atirando este artigo para o caixote do lixo. Passe-o a um amigo ou a um conhecido igualmente interessado em contribuir para a resolução do problema.

A Prevenção Rodoviária lembra que...

...a distância que o separa do seu ponto de destino nem sempre se percorre mais depressa imprimindo uma elevada velocidade ao veículo. Em condições ideais de aderência, a 80 Km/h. a distância de travagem será de 57,7 metros.

— x —

...a distância que o separa do outro veículo tem de ser suficiente, em caso de travagem, para evitar qualquer acidente. Saiba que o seu tempo de reacção, a 80 Km/h., corresponde a 22 metros de percurso. Guarde as distâncias adequadas a cada velocidade.

— x —

...no Inverno, os dias são mais curtos. Logo que a luz do dia o leve a admitir que os outros podem não o ver, acenda os seus faróis.

— x —

...se as condições de visibilidade não são as melhores, se o nevoeiro e a neblina matinal não lhe permitem uma visibilidade adequada, use os faróis e conduza a uma velocidade moderada.

— x —

...uma ultrapassagem é uma manobra com riscos. Em condições climatéricas deficientes, a má visibilidade aumenta esses riscos. Mostre a sua educação não forçando a ultrapassagem.

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

Dr. Lima Santiago

ADVOGADO

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

CASA DE SAÚDE DE ESPINHO

Reabriu para internamento em Cirurgia, Partos e Medicina, estando ao dispor de todos os Clínicos

Livraria - Papelaria ACADÉMICA

Artigos Escolares-Escritório e Posters

Rua 31 n.º 729 ESPINHO

A
 Maior
 Organização
 do País
 em
 Compra, Venda
 e Colocação
 de Capitais



A CONFIDENTE

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS:

40.000.000\$00

RUA PASSOS MANUEL, 4-1.º ♦ PORTO

RUA DO OURO, 292-1.º ♦ LISBOA

Fábrica
 de
 Artigos
 de
 Celuloide e
 Plásticos

LUSO, CELULOIDE

de
Henriques & Irmão, L.^{da}
 ☆
 APARTADO 22
 TELEFONE 920070
 ☆
E S P I N H O

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES
 de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 - M.^{te} Lírio - ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore - Rua 7 N.º 561

COLÉGIO DE N.ª S.ª DA CONCEIÇÃO

CURSOS: Liceal • Ciclo Preparatório • Primário • Infantil •
 Iniciação Musical • Artes Plásticas e Decorativas •
 Música com Exames no Conservatório • "Ballet" •

Telefone 920303 - ESPINHO

ÀS RAPARIGAS DOS 16 AOS 25 ANOS!

Se você gosta de trabalhos manuais e tem gosto pela perfeição das coisas que executa, tem agora a grande oportunidade da sua promoção pessoal.

A CETAP vai iniciar cursos para trabalhos de serralharia para formação feminina, trabalhos delicados e de precisão.

Inscriva-se!

Durante os dois meses de treino ganhará 60\$00/dia. Logo após estes dois meses o ordenado será 80\$00/dia, e depois... depois será você quem ditará a meta final.

A inscrição é limitada.

CETAP
 CENTRO TÉCNICO DE APLICAÇÃO
 DE PLÁSTICOS DE ANTÓNIO MATOS

ANTA - ESPINHO

TEL. 921226